

ENSINANDO HISTÓRIA A ALUNOS POR MEIO DO FILME *MULAN* (1998)

Lucas Matheus Araújo Bicalho
Luís Fernando de Souza Alves
André Luiz Mendes Athayde

Resumo: Este relato de experiência objetiva mostrar como o cinema é uma ferramenta para o ensino de História. Filmes são fontes que podem ajudar a entender características culturais e modos de pensar de uma sociedade. As experiências aqui registradas ocorreram durante a disciplina de *Estágio Supervisionado em História II* da *Universidade Estadual de Montes Claros*. A experiência se desenrolou em uma escola de Francisco Sá, Minas Gerais, com alunos do 6º ano. O filme *Mulan* foi escolhido para debater representações sobre mulheres e para conectar conteúdos históricos com questões culturais e sociais. Apesar de baseado no relato chinês de Hua Mulan, o filme foi produzido pela *Walt Disney*. Diante disso, buscou-se estimular diálogos que levassem alunos a uma postura ativa e crítica. Os resultados indicam que o cinema aumentou o interesse dos alunos, contribuindo para uma compreensão de temas históricos, comprovando o valor do audiovisual como recurso educativo.

Palavras-chave: Mulan. Filme. Cinema. Relato de experiência. Ensino de História.

TEACHING HISTORY TO STUDENTS USING THE MOVIE “MULAN” (1998)

Abstract: This experience report aims to demonstrate how film can serve as a tool for teaching history. Films are sources that can help us understand a society's cultural characteristics and ways of thinking. The experiences described here took place during the “Supervised Internship in History II” course at the State University of Montes Claros. The project was carried out at a school in Francisco Sá, Minas Gerais, with sixth-grade students. The film *Mulan* was chosen to discuss representations of women and to connect historical content with cultural and social issues. Although it was based on the Chinese tale of Hua Mulan, the film was produced by *Walt Disney*. Given this, the aim was to stimulate dialogues that would lead students to adopt an active and critical stance. The results indicate that the film increased students' interest, contributing to an understanding of historical themes and demonstrating the value of audiovisual media as an educational resource.

Keywords: Mulan. Movie. Cinema. Review. History Education.

ENSEÑAR HISTORIA A LOS ALUMNOS A TRAVÉS DE LA PELÍCULA “MULAN” (1998)

Resumen: Este relato de experiencia pretende mostrar cómo el cine es una herramienta para la enseñanza de la Historia. Las películas son fuentes que pueden ayudar a comprender las características culturales y las formas de pensar de una sociedad. Las experiencias aquí descritas tuvieron lugar durante la asignatura «Prácticas Supervisadas de Historia II» de la Universidad Estatal de Montes Claros. La experiencia se llevó a cabo en una escuela de Francisco Sá, Minas Gerais, con alumnos de 6.º curso. Se eligió la película *Mulan* para debatir sobre las representaciones de las mujeres y para conectar los contenidos históricos con cuestiones culturales y sociales. Aunque se basa en el relato chino de Hua Mulan, la película fue producida por *Walt Disney*. Ante esto, se buscó estimular diálogos que llevaran a los alumnos a adoptar una postura activa y crítica. Los resultados indican que el cine aumentó el interés de los alumnos, contribuyendo a la comprensión de temas históricos y demostrando el valor de los recursos audiovisuales como herramienta educativa.

Palabras-clave: Mulan. Película. Cine. Relato de una experiencia. Enseñanza de la Historia.



1. INTRODUÇÃO

Professores no Brasil tendem a enfrentar desafios no ensino de Ciências Humanas e de disciplinas de outras áreas do conhecimento. Diante dessa realidade, educadores procuram estratégias pedagógicas para aprimorar os processos de ensino e aprendizagem, especialmente no ensino de História. Entre as abordagens que têm se mostrado eficazes, destacam-se as que utilizam produções cinematográficas, as quais podem trazer benefícios educacionais, facilitando a compreensão de conteúdos, além de tornar as aulas mais dinâmicas e envolventes (Bittencourt, 2008).

O conhecimento adquirido por meio do cinema não deve ser percebido e recebido pelos alunos apenas como uma forma de lazer e de entretenimento. Os filmes, ao retratarem elementos da realidade, seja apresentando um contexto histórico específico ou um cenário ficcional, oferecem uma oportunidade para a reflexão e para o desenvolvimento da criticidade em telespectadores, incentivando uma compreensão crítica dos temas apresentados. Esse recurso pedagógico pode vir a ser usado na educação, sendo integrado ao conteúdo curricular. Quando aplicado de forma adequada, pode fomentar debates sobre questões relacionadas ao estudo da disciplina de História, contribuindo para o aprendizado e para a promoção de uma compreensão mais crítica e reflexiva de assuntos históricos (Karnal, 2003).

De acordo com a historiadora Circe Bittencourt (2008), em sua obra *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*, o uso do cinema em sala de aula tem relação com os historiadores, especialmente por conta das imagens e representações visuais criadas e transmitidas. A autora estabelece o cinema como um objeto de estudo, uma fonte histórica, propondo o uso de filmes como estratégia didática no ensino da disciplina de História, fundamentando-se em estudos de Marc Ferro (1988), por exemplo. Para esses autores, o

filme é uma fonte que vai além da observação conjuntural, porque, também, incorpora análises de semiólogos, os quais enxergam imagens cinematográficas não somente como ilustrações da realidade, mas representações dessa realidade, moldadas pela visão de mundo de seus produtores.

Essas representações levam em consideração os contextos histórico, social, cultural e político em que os filmes são produzidos. Bittencourt (2008), seguindo linha de argumentação semelhante, afirma que historiadores e, em especial, professores, devem explorar imagens e filmes como recursos que ultrapassem limites de livros didáticos, enriquecendo o processo de ensino. Marc Ferro (1988), por sua vez, assevera que filmes são fundamentais para análises realizadas por historiadores, não devendo ser vistos só como objetos que dão lustro aos fatos ou eventos. Esse tipo de fonte histórica precisa ser examinado como produto cultural, sendo carregado de significados e ideologias, de modo que reflita o contexto social e cultural em que é produzido. Assim, os filmes devem ser entendidos como uma representação que além da reprodução da realidade, ofereça ao historiador uma fonte para análises críticas sobre o período em que a produção foi concebida.

Feitas essas considerações sobre o uso fílmico em sala de aula, este relato de experiência é resultado de percepções a partir da disciplina de *Estágio Supervisionado em História II*, do curso de Licenciatura em História da *Universidade Estadual de Montes Claros* (UNIMONTES). O estágio em si foi realizado na *Escola Estadual João de Deus Dias*, localizada no município de Francisco Sá, no Norte de Minas Gerais. As aulas foram aplicadas em duas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental, pois o conteúdo estava alinhado às habilidades previstas pela *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) para

o ensino de História, as quais nortearam a escolha do filme planejado para as atividades a serem desenvolvidas.

A BNCC (Brasil, 2018) estabelece competências gerais e específicas para a área das Ciências Humanas. No componente curricular de História, assim como em outras disciplinas, os alunos devem ter competências específicas desenvolvidas. Uma delas exige que os estudantes entendam a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de mudança e manutenção de estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, problematizando os significados de organização cronológica, de modo a garantir o uso do cinema no ensino de História como recurso pedagógico.

O filme escolhido, *Mulan* (1998), é uma animação da *Disney*, baseada na produção chinesa de Hua Mulan, que trata de uma jovem que se disfarça de homem para ingressar no exército chinês. Por meio desse produto audiovisual, busca-se compreender o contexto histórico da China antiga, explorando temas como organização social, conflitos militares e, sobretudo, o papel da mulher na sociedade chinesa. Também, existiram esforços no sentido de promover, entre os alunos, uma reflexão crítica sobre diferenças entre o filme e a realidade histórica, incentivando o pensamento crítico a respeito de como o cinema adapta e representa fatos históricos.

A escolha da produção audiovisual em questão como ferramenta pedagógica para o ensino de História no 6º ano baseia-se em sua capacidade de promover um aprendizado que transcende o uso tradicional do quadro e giz, ao conectar conteúdos históricos e sociais com elementos da cultura asiática. Ao utilizar produções cinematográficas como recurso didático, o professor facilita a aproximação de alunos a temas abordados, podendo despertar

maior interesse e engajamento, além de contribuir para uma compreensão mais ampla e acessível a esses estudantes.

Diante disso, pode ser útil a afirmação de Paulo Freire (2013), o qual sustenta que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho, isto é, as pessoas se educam em comunhão, por meio da mediação do mundo. O aprendizado ocorre por meio da troca de saberes e do compartilhamento de experiências, o que possibilita a criação e produção de novos conhecimentos. Prosseguindo, o autor discorre que:

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo [...]” (Freire, 2013, p. 96).

A História, segundo Freire (2013), frequentemente é ensinada de forma expositiva. Esse ensino tradicional tende a se concentrar na memorização de datas, fatos e personagens históricos, muitas vezes desconsiderando uma compreensão crítica de processos históricos. Embora o aprendizado de marcos temporais e eventos seja relevante, o ensino de História tem se mostrado um desafio constante para professores e estudantes.

Isso pode ocorrer por conta de alunos não conseguirem compreender e/ou acompanhar conteúdos ensinados pelo professor. Apesar de o professor tentar utilizar diferentes métodos de ensino, os resultados não são muito eficazes, pois ele enfrenta obstáculos, como a precariedade da infraestrutura escolar e, sobretudo, a desmotivação e cansaço de alunos, além de questões externas à escola. Conseqüentemente, o professor acaba assumindo que os alunos não querem aprender, enquanto os alunos passam a acreditar que são incapazes (Freire, 2013).

Com tais questões em mente, decidiu-se utilizar o cinema como recurso pedagógico no ensino de História, uma vez que os filmes podem despertar

um interesse maior em alunos, tornando o processo de aprendizado mais dinâmico e envolvente. Essa abordagem facilita o acesso ao conteúdo histórico, tornando o estudo mais atrativo, especialmente para aqueles que encontram dificuldades em lidar com textos de livros didáticos (Alves; Marquioli; Bicalho; Meira, 2024; Alves; Meira; Bicalho; Marquioli, 2024).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao trabalhar com filmes em sala de aula, o docente deve selecionar conteúdos adequados aos discentes, garantindo que tais fontes estejam alinhadas com a disciplina e o tema abordados. Dessa forma, o filme complementa o conteúdo curricular, contribuindo para o aprendizado e aprofundamento de tópicos discutidos em sala. Henriqueta Alface e Olga Magalhães (2001) afirmam que o cinema pode ser incorporado ao planejamento do professor de História, desde que o filme seja adequado à faixa etária, nível de ensino, esteja relacionado com os conteúdos em vista e respeite valores socioculturais do meio onde está a escola. Dessa forma, o uso do filme em sala de aula não pode se limitar a apenas ao entretenimento. É fundamental que o professor conduza os estudantes a uma análise crítica, proporcionando uma compreensão significativa do conteúdo apresentado no filme.

De acordo com Marcos Napolitano (2003) é necessário planejar o uso do cinema como recurso pedagógico em sala de aula, de modo a gerar leituras ambiciosas, realizando uma ponte entre emoção e razão, incentivando o aluno a ser uma pessoa mais exigente e crítica. Os conteúdos e linguagens do filme devem ser conectados a conteúdos escolares, assim, filmes em sala de aula devem ser vistos como uma prática pedagógica que desperte o interesse do aluno por conhecimento e mostre novas possibilidades

educacionais apoiadas na narrativa cinematográfica de modo a promover reflexões (Araújo; Angrewski; Galvan, 2012).

O uso do cinema em sala de aula requer uma metodologia específica, sendo responsabilidade do professor escolher a melhor forma de apresentar o filme aos estudantes. É fundamental decidir se o filme será exibido integralmente ou apenas em partes, de modo que sempre atenda a expectativas de aprendizado definidas no planejamento (Alves; Marquioli; Bicalho; Meira, 2024; Alves; Meira; Bicalho; Marquioli, 2024). Também, é necessário contar com uma bibliografia que ofereça orientações sobre as etapas para o uso eficaz do cinema em sala, especialmente no ensino de História, a fim de garantir que a atividade esteja alinhada aos objetivos pedagógicos e incentive uma aprendizagem que promova o senso crítico nos alunos (Araújo; Angrewski; Galvan, 2012).

Diante do contexto apresentado, adota-se, aqui, uma metodologia qualitativa para condução das aulas de História, a partir do uso do cinema. Para isso, são seguidas as abordagens de Marcos Napolitano (2003), historiador que traz considerações sobre a aplicação de filmes em sala de aula. Além disso, uso é feito dos fundamentos educacionais de ensino de Circe Bittencourt (2008) para a condução de aulas, adaptando-os aos diferentes cenários dos alunos.

3. DESENVOLVIMENTO DO CINEMA NA SALA DE AULA

O cinema faz parte da vida cotidiana, isto é, ele impacta a sociedade, especialmente devido à ampla produção cinematográfica e ao alto número de vendas. O cinema, como produto cultural, pode ter seu lugar de importância como recurso pedagógico no ensino de História, desde que utilizado de forma planejada e tratado como um documento histórico. A

BNCC reconhece seu potencial para enriquecer o aprendizado em sala de aula. Com isso, os filmes podem ser utilizados em diferentes disciplinas, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Esse uso é observado a partir de habilidades previstas na BNCC para o ensino de História no 6º ano do Ensino Fundamental:

(EF06HI01) Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas).
(EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas. (EF06HI19) Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais (Brasil, 2018, p. 420-421).

Tendo essas questões em vista é que, no planejamento e organização das aulas durante o estágio, decidiu-se exibir todo o filme, dividido ao longo de três aulas. Essa abordagem visou proporcionar uma reflexão crítica sobre temas considerados essenciais, promovendo uma conexão com a história da China antiga. Na primeira aula, foi apresentada aos alunos a história de Hua Mulan, juntamente com o período histórico em que ela teria vivido.

Para aprofundar o tema, discutiram-se não só o papel das mulheres na sociedade daquela época, mas, também, como relações sociais e culturais moldavam suas oportunidades e desafios. Ademais, explorou-se como o sistema militar da China imperial refletia e reforçava estruturas hierárquicas e de poder, limitando a participação feminina em esferas públicas.

Dessa forma, além de promover conhecimento aos alunos, a história de Mulan possibilitou uma reflexão crítica sobre normas culturais da época, ao destacar como as mulheres desafiavam, direta ou indiretamente, convenções sociais e culturais vigentes. Essas discussões ajudam estudantes a entenderem como relações sociais e culturais daquele período moldavam

dinâmicas de poder e gênero, e como essa história continua a ressoar em diferentes culturas, até chegar aos dias atuais.

Nos primeiros 30 minutos do filme, os alunos do 6º ano puderam perceber que Mulan vive sob intensa pressão de expectativas sociais impostas por sua família e pela sociedade chinesa tradicional. Essas práticas envolvem, sobretudo, a definição do papel da mulher como esposa, mãe e dona de casa. A cena inicial do filme retrata Mulan se preparando para conhecer a casamenteira, figura responsável por arranjar um casamento tido como bom, considerado essencial para trazer honra à sua família.

A jovem Mulan, entretanto, sente-se desconfortável e fora dos padrões estabelecidos por essas exigências. Embora ela tente se adequar às normas de como uma mulher considerada perfeita deve se comportar, essa identidade não reflete quem ela realmente é. Esse embate interno revela o dilema entre o desejo de trazer honra à sua família, conforme ditado pela tradição, e a necessidade de ser fiel a si mesma. Isso, pois, trata-se de uma produção sobre uma garota asiática que desafia as convenções, engana a autoridade patriarcal e acaba salvando as massas (Nguyen, 2001).

Após a primeira parte do filme, uma breve pausa foi feita para debater sobre questões de normas sociais e de gênero na China antiga, traçando paralelos com a sociedade contemporânea. A partir dessa discussão, os alunos foram incentivados a refletirem sobre como essas práticas afetam a personagem Mulan e influenciam as decisões que ela toma ao longo do filme.

As discussões e reflexões foram conduzidas pelas alunas, que levantaram questionamentos sobre o matrimônio em nossa sociedade atual. Elas observaram que, ainda hoje, existe forte pressão para que as mulheres se casem jovens e tenham filhos, apesar de muitas não desejarem seguir esse caminho. Essa reflexão possibilitou uma comparação entre a sociedade da China imperial e a realidade contemporânea, destacando que existem

aspectos dessa pressão social que não mudaram significativamente ao longo do tempo.

No Brasil, o casamento também era visto e considerado um contrato social, especialmente durante o período colonial. Para determinadas famílias, os casamentos arranjados eram uma estratégia para adquirir mais riqueza e, conseqüentemente, trazer honra à família (Tapioca Neto; Moreira, 2016). No entanto, ao longo das décadas, esses costumes caíram em desuso, muito por conta de reivindicações de mulheres, que lutaram por direitos a seu favor.

Embora tenham ocorrido avanços legais e sociais conquistados pelas mulheres, muitas enfrentam desafios relacionados a expectativas sociais, discriminação e normas de gênero profundamente enraizadas. Em diversas culturas, a pressão para cumprir papéis tradicionais, como o de esposa e mãe, ainda persiste, limitando escolhas e potencialidades de muitas mulheres (Alves, 2026), realidade essa que não se distancia da experiência vivida por Mulan. Quanto a isso, Mimi Nguyen, crítica adepta do feminismo, afirma que o filme, livre das amarras confucionistas, satiriza os papéis de gênero repressivos que tentam domesticar Mulan. Em algumas cenas de treinamento militar, é possível notar uma satirização do comportamento homosocial masculino, com tapinhas nas nádegas, socos nos braços e troca de insultos (Nguyen, 2001).

Segundo a autora, a produção comunica um reconhecimento sutil de que normas de gênero são construções sociais, tanto a masculinidade quanto a feminilidade são expostas como performances elaboradas, ao mesmo tempo que se concorda que essas mesmas normas de gênero são a fonte de muita injustiça. A crítica é à sociedade americana contemporânea. Por sua vez, Pam Coats, produtora de Mulan, afirma que o filme tem como objetivo apresentar uma personagem que exibe influências masculinas e femininas, sendo forte tanto física quanto mentalmente (Labi, 2026). Assim, como é de

se esperar, Mulan se torna um verdadeiro caldeirão de problemas de gênero: o cônsul, personagem que mais aparenta ser *gay*, por conta de ter características classificadas como femininas e chorão, a partir de uma ótica tradicional, é aquele que mais se apresenta como misógino. A casamenteira pomposa se torna vítima da piada que geralmente aparece na boca de partes da sociedade de ser uma *mulher gorda em chamas* (Nguyen, 2001).

Sendo uma produção estadunidense, é claro que a questão do orientalismo surge, porque é um povo ocidental trazendo sua representação do que seria uma população asiática específica e isso com propósitos que envolvem capital financeiro, uma vez que a empresa por trás da produção de escala hercúlea é nada menos que a *Walt Disney*. O Oriente, nessa linha de argumentação, portanto, é uma invenção ocidental, trata-se de uma construção simbólica criada pelo e a partir do Ocidente por meio de imagens e mensagens de exotismo e alteridade.

Assim, a China retratada em *Mulan* pode ser vista como uma representação cultural que é mediada por imaginários do ocidente contemporâneo. “[...] O orientalismo é um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre ‘o Oriente’ e (a maior parte do tempo) ‘o Ocidente’ [...]”, afirma Edward Said (1990, p. 14). Em outras palavras, “[...] O Oriente era quase uma invenção europeia, e fora desde a Antiguidade um lugar de romance, de seres exóticos, de memórias e paisagens obsessivas [...]” (Said, 1990, p. 13).

Na segunda aula, foi exibida a segunda parte do filme, que mostra a chegada de Mulan ao exército chinês. A cena apresenta a estrutura militar e o treinamento de Mulan, servindo como ponto de partida para fomentar uma

discussão sobre o papel do exército na China imperial, além dos valores de honra e disciplina que permeiam toda a narrativa.

Os alunos assistiram à chegada de Mulan ao exército chinês, quando esteve disfarçada com trajes masculinos para substituir seu pai idoso e enfermo, que foi convocado para a guerra. Julga-se que essa cena é importante, porque apresenta a rígida estrutura militar da China imperial, com hierarquias bem delimitadas e um foco intenso na disciplina, força e obediência.

Essas cenas do filme promoveram reflexões sobre as condições militares da época retratada e as diferenças no tratamento de homens e mulheres. Além disso, os alunos discutiram o conceito de *honra* dentro do contexto familiar e social chinês. Essa discussão permitiu compreender parte da cultura e de relações sociais dos povos asiáticos, especificamente no caso da China.

Em seguida, a turma levantou algumas questões, como: *qual era o papel do exército na China imperial e por que o serviço militar era tão importante? Por que Mulan precisou se disfarçar de homem para ingressar no exército?* Feitas as perguntas, foram explicadas aos alunos questões relacionadas às práticas sociais e ao funcionamento do exército chinês durante a dinastia Han (206 a. C. – 220 d. C.), período retratado no filme. Além disso, foram discutidas questões como a da relação entre homens e mulheres na sociedade, destacando como papéis atribuídos a cada gênero estavam enraizados nos costumes da China imperial, impondo limites específicos para mulheres e homens dentro do tecido social.

Essas discussões despertaram curiosidade nos estudantes no sentido de compreender diferentes culturas e relações sociais de outros povos, como é o caso da China imperial. Também, essa abordagem aumentou o engajamento nas aulas, estimulando o interesse em conhecer mais sobre a cultura asiática e suas particularidades. Na última aula, os alunos terminaram de assistir ao filme, quando Mulan se transforma na heroína que salva o

imperador e todo o povo do Império Chinês da ameaça representada pelos Hunos. A vitória de Mulan demonstrou suas habilidades no campo de batalha, pois ela desafia normas sociais impostas às mulheres e demonstra que coragem, inteligência e honra não são qualidades exclusivas de homens.

Ao final da exibição do filme, os alunos participaram de uma discussão aberta que explorou como a obra conecta elementos da realidade histórica com aspectos ficcionais. O debate incluiu uma análise aprofundada de questões culturais e sociais da China, como o papel das mulheres na sociedade chinesa, a estrutura patriarcal e a hierarquia social, além da disciplina militar. Adicionalmente, foi discutido o uso da simbologia cultural, especialmente em relação aos valores morais de honra e coragem, que permeiam a narrativa. As trocas de ideias permitiram aos alunos uma reflexão sobre como esses temas ressoam em diferentes sociedades ao longo do tempo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A exibição integral do filme despertou e manteve o interesse dos alunos ao longo das três aulas, permitindo uma experiência visual sobre conteúdos debatidos em sala de aula. Com isso, as turmas conseguiram identificar, compreender e discutir elementos históricos da China antiga, tais como tradições familiares, papel das mulheres em sociedades, relações sociais e culturais, bem como a estrutura militar. Além disso, os estudantes mostraram boa compreensão ao relacionar os conceitos de *honra*, *dever* e *família* com o contexto chinês e, também, com questões matrimoniais.

Ao final das aulas, os alunos conseguiram distinguir entre a história registrada no meio chinês e a representação cinematográfica, identificando elementos ficcionais. Esse processo estimulou o senso crítico da turma, especialmente quando questionaram sobre a existência de fontes históricas que

comprovassem acontecimentos retratados. Para isso, foi explicado que o que se conhece são tradições transmitidas de geração em geração sobre Mulan. Essa abordagem, aliada a discussões em sala, ajudou os alunos a compreenderem que a história pode ser romantizada ou distorcida nos filmes.

Por outro lado, alguns alunos ficaram confusos em determinados momentos do filme, especialmente no que diz respeito à distinção entre o que é real e o que é ficcional na obra. Por essa razão, foi fundamental que o estagiário esclarecesse as diferenças entre elementos históricos e licenças poéticas utilizadas pela *Disney*. Diante do estágio, foi possível notar que a limitação do tempo, em se tratando de discussão, representou um desafio para a condução das aulas. Mesmo que o filme tenha proporcionado debates considerados pertinentes, o fato de ter sido exibido na íntegra acabou comprometendo o tempo disponível para diálogos mais amplos. Assim, a limitação do tempo impediu uma análise mais detalhada de certos aspectos, como a narrativa da cultura asiática, a religiosidade, além de costumes entre homens e mulheres na sociedade. A falta de tempo para explorar ideias levantadas durante a exibição do filme indicou que muitos outros pontos poderiam ter sido desenvolvidos de forma mais crítica e reflexiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos desafios contemporâneos enfrentados por professores no ensino de História, assim como em outras disciplinas, o uso do cinema como recurso pedagógico revela-se uma alternativa para tornar aulas mais dinâmicas e alinhadas à realidade dos estudantes. O cinema pode aproximar alunos de temas históricos e favorecer a construção de habilidades reflexivas. No contexto em questão, o filme *Mulan* possibilitou explorar papéis sociais das mulheres, promovendo debates que transcenderam a narrativa

cinematográfica e adentraram em reflexões culturais e históricas vivenciadas pelos alunos.

Além de facilitar a compreensão de temas e assuntos considerados complicados, essa abordagem teve o potencial de romper com o modelo tradicional de ensino, geralmente restrito à memorização de datas e eventos históricos. Assim, ao utilizar o cinema como ferramenta didática, o professor tem a possibilidade de desenvolver oportunidades de diálogo conectadas à teoria e prática pedagógica alinhados aos objetivos da BNCC. Com isso, é possível reforçar a necessidade de promover metodologias ativas, as quais despertem o interesse dos estudantes e os engajem na produção de conhecimento.

Portanto, este relato de experiência indica que o cinema pode e deve ir além de um simples entretenimento, uma vez que ele se coloca como uma fonte histórica aplicada à sala de aula, contribuindo para a construção de conhecimento. Dessa forma, ao estimular a análise crítica de representações cinematográficas, educadores também fortalecem a autonomia intelectual de alunos, incentivando-os a pensarem de modo crítico sobre desdobramentos da sociedade, bem como sobre a História.

REFERÊNCIAS

ALFACE, Henriqueta; MAGALHÃES, Olga. O Cinema como recurso pedagógico nas aulas de História. *In*: CAINELLI, M.; SCHMIDT, M. A. (org.). **Educação Histórica: teoria e pesquisa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

ALVES, Luís Fernando de Souza. O puritanismo e a mulher na Nova Inglaterra: leituras a partir de A Letra Escarlate. Anais... III JORNADA DE ESTUDOS EM HISTÓRIA E LITERATURA, 2026. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2026.

ALVES, Luís Fernando de Souza; MARQUIOLI, Stefany Reis; BICALHO, Lucas Matheus Araújo; MEIRA, Virginia Gusmão. Duas propostas de modelos para o uso de filmes no ensino. Anais... XV CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 2024. Montes Claros: Unimontes, 2024.

ALVES, Luís Fernando de Souza; MEIRA, Virginia Gusmão; BICALHO, Lucas Matheus Araújo; Marquioli, Stefany Reis. Uma outra proposta de modelo para o uso de filmes no ensino. Anais... XV CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 2024. Montes Claros: Unimontes, 2024.

ARAÚJO, Cleber. D.; ANGREWSKI, Elisandra.; GALVAN, Marcia R. Cinema e Filosofia: a utilização de obras cinematográficas nas aulas de Filosofia. *In*: GABRIEL, F. A.; GAVA, L. (Org.). **Ensaio filosófico**: antropologia, neurociência, linguagem e educação. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

FERRO, Marc. O filme: contra análise da sociedade? *In*: LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. **História**: novos objetos. Rio de Janeiro, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003.

LABI, Nadya. Feminism: Girl Power. **Times**, 29 jun. 1998. Disponível em: <https://time.com/archive/6733051/feminism-girl-power/>. Acesso em: 24 mai. 2026.

MULAN. Direção: Tony Bancroft, Barry Cook. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1998.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

NGUYEN, Mimi. Who's your heroine? **Pop Politics**, 2001. Disponível em: <http://www.poppolitics.com/articles/2001/01/05/Whos-Your-Heroine>. Acesso em: 18 fev. 2008.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TAPIOCA NETO, Renato Drummond; MOREIRA, Marcello. Esposa autônoma, marido submisso: casamento, dote e escravidão no romance Senhora, de José de Alencar (1875). **Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 19, p. 37-61, 2016.

SOBRE OS AUTORES:**Lucas Matheus Araújo Bicalho**

Professor de História (SEE-MG), Mestre em História Social, Grupo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física/Unimontes-MG (GEHEF).

E-mail: bicalholucas7@gmail.com,

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8327-6689>

Luís Fernando de Souza Alves

Mestrado em Arqueologia das Paisagens Culturais pela Universidad de Jaén (2025).

E-mail: uisf3@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8116-3922>.

André Luiz Mendes Athayde

Doutor em Administração pela Universidade de Brasília (2020).

E-mail: andreluizathayde@outlook.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2109-2130>.

Artigo recebido em: 17 fev. 2026. | **Artigo aprovado em:** 28 maio 2026.